

## A TRANSGRESSÃO DO CORPO NA POESIA DE LUÍS MIGUEL NAVA (PUBL. 1979-1985)

Ricardo Vasconcelos, U. Viena, Novembro de 2025

\*\*\*

### ARS EROTICA

Eu amo assim: com as mãos, os intestinos. Onde ver deita folhas. (p. 37)

*Ars Erotica*

This is how I love: with my hands, my guts. Where seeing sprouts leaves.

\*\*\*

### ARS POETICA

O mar, no seu lugar pôr um relâmpago. (p. 38)

*Ars Poetica*

*The sea, in its place a lightning bolt.*

\*\*\*

### NA PELE

O mar, venho ver-lhe a pele a rebentar  
ao longo das falésias, o que sempre  
me traz a exaltação desses rapazes que circulam  
por Lisboa no verão.

O mar está-lhes na pele. Partilho  
com eles os quartos das pensões, sentindo as ondas  
a avançar entre os lençóis. Perco-me à vista  
da pedra onde o mar vem largar a pele.

*In Their Skin*

*The sea, I come to watch its flesh breaking  
all along the cliffs, which always  
brings to me the exaltation of those boys that wander  
Lisbon in the summertime.*

*The sea is in their skin. I share  
with them my rented room, feeling the waves  
mounting between the sheets. I am lost within sight  
of the rock where the sea comes to shed its skin.*

\*\*\*

### A DESCOBERTO

Trazia o coração a descoberto, antes ainda  
de o céu cicatrizar  
eu via-o por aí, aproximava-se  
do mar como se a força do mar fosse a dos espelhos.

*An Open Heart*

*He carried his heart open to the world, even  
before the sky could grow its scar  
I'd watch him as he moved, approaching  
the sea as if its power were that of a mirror.*

\*\*\*

### O REAL

Levado e revolvido pelas vagas  
do real, estou como uma mesa posto até aos ossos,  
empresto à página os meus ossos e ao escrever  
é como se tivesse a mão dentro dum espelho.

**Reality**

*Lifted and spun by waves  
of reality, I am like a table set to the very bones,  
I lend the page my bones and when I write  
it's as if my hand were inside a mirror.*

\*\*\*

**O INFINITO**

Gostava de passar pela experiência de um desses espelhos em frente dos quais um outro é colocado — sentir a minha imagem multiplicar-se por mim dentro até ao infinito. Porque é isto justamente o infinito — o interior de um espelho em face do qual outro foi posto. Sempre que dois espelhos amorosamente se interpelam, qualquer deles, incorporando o outro, o atravessa e, carregando-o consigo, se coloca, perfilado e atento, do outro lado.

**The Infinite**

*I would like to pass through the experience of one of those mirrors in front of which an Other is standing—to feel my image multiplied within me unto infinity. For that is exactly the infinite—the inside of a mirror in front of which an Other has been placed. Always when two mirrors lovingly confront each other, one of them, incorporating the Other, passes through it, and, carrying it along, crosses over to the other side, standing alert, straight and tall.*

\*\*\*



*A pele serve de  
céu ao  
coração, 2020*

*Artista - Ricardo  
Correia  
Técnica - Luz,  
acrílico, ferro e  
alumínio  
Dimensão - 900  
X 138 X 20 cm*

**O CÉU**

Assoam-se-me à alma, quem  
como eu traz desfraldado o coração sabe o que querem  
dizer estas palavras.  
A pele serve de céu ao coração.

**The Sky**

*They wipe their faces on my very soul, whoever  
carries like me an unfurled heart knows what  
these words are trying to say.  
Flesh serves as sky to the heart.*

\*\*\*

**OS ECOS**

A carne que os guindastes  
suspendem, minha,  
rente à fosforescência  
no abismo dos dias,

a mesma onde a rasura  
do tempo abre interstícios  
estendendo-a no mármore,

as máquinas que os astros  
perfuram erguem-na às alturas  
do espaço ou das colunas  
de que se nutre o tempo,

noite onde os astros  
escondem as raízes  
ou ramo de glicínias  
em dedos sufocados, carne

onde inda vibram  
do extinto amor os ecos.

***Echoes***

*The meat that winches  
hold suspended, mine,  
close to phosphorescence  
in the vortex of the days*

*the very flesh where time's  
erasure opens crevices,  
meat spread on marble countertops,*

*machines that puncture stars  
crank this flesh to heights  
of space or of the columns  
feeding time,*

*night in which stars  
hide their roots  
or a sprig of wisteria  
hides in suffocating fingers, flesh*

*where the echoes of  
extinguished love still resonate.*

\*\*\*

**MATADOURO**

Dancei num matadouro, como se o sangue de todos os animais que à minha volta pendiam degolados fosse o meu. Dancei até que em mim houvesse espaço para um poema de que todas as imagens depois fossem desertando.

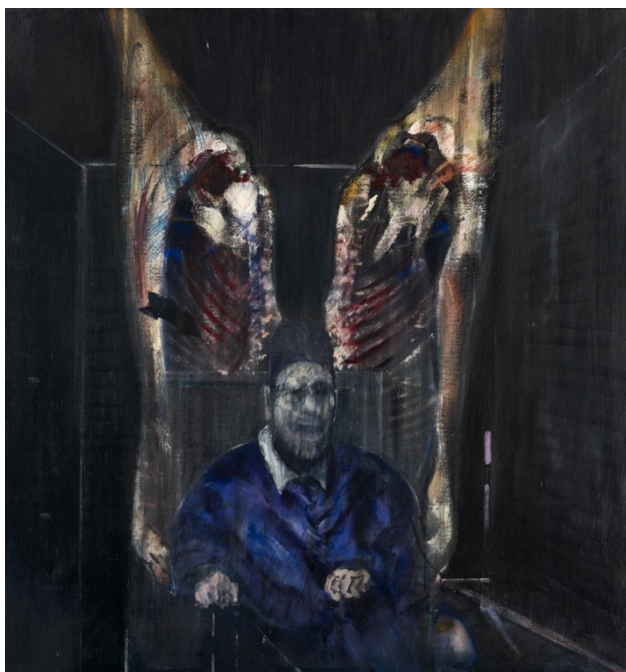
A luz que desse sangue irradiava, como se nele o sol tivesse mergulhado e os raios nele se houvessem diluído, atravessava-me os poros e fazia-me cantar o coração. Tratava-se de uma luz que

nada tinha a ver com a piedade ou a esperança, mas cuja música, sem me passar pelos ouvidos, ia direita ao coração, que no dos animais acabados de abater por momentos encontrava um espelho ainda quente, tão diverso da algidez que habitualmente neles impera.

Só num espelho assim saído há pouco das entranhas dum ser vivo se desenha a nossa verdadeira imagem, ao invés da frigorífica mentira onde é comum a vermos esboçar-se. Só esse espelho capta a espessa luz em que parecem ter-se consumido os próprios astros, essa luz que com os objectos que ilumina se confunde numa única substância capaz de arrancar-nos à treva e de dar cor à santidade.

A luz do néon, ante aquela de que se esvazia o coração dum porco, é uma metáfora de impacto reduzido. A luz que das vísceras emana é a de deus, aquela que, por uma excessiva dose de trevas misturada, mais que qualquer outra se aproxima da de deus, que resplandece nas carcaças em costelas onde é fácil pressentir as incipientes asas de algum anjo.

O berro do animal que qualquer faca anónima remete à condição daqueles cujo sangue se escoou ao nosso lado é o único som a que dançar merece a pena. O dia declinou-lhe nas entranhas, quantas manhãs as percorreram absorvidas pelas aberturas dos seus olhos mais não são agora do que um rastro de lume sobre a lâmina e nos baldes onde pinga, reduzidas a um furtivo clarão de dignidade de que todos de repente nos sentimos órfãos.



Francis Bacon, *Figure with Meat*, and *Painting* 1946.



### *Slaughterhouse*

*I danced in a slaughterhouse, as if the blood of all those animals, decapitated, hanging round me, were my own. I danced until a space might open in me for a poem whose images would then desert me.*

*The light radiating from that blood, as if the sun had plunged in and its rays had been dissolved, passed through my pores and made my heart sing. It was a light that had nothing to do with pity or hope, but whose music, without passing through my ears, went straight to my heart, which in the freshly slaughtered animals found for a moment a still-warm mirror, so different from the coldness that normally prevails.*

*Only in a mirror like that, emerging a moment ago from the innards of a living creature, can our true image be drawn, instead of the frozen lie in which we normally see ourselves sketched out. Only that mirror captures the thick light in which it seems the very stars have been consumed, a light that merges with the objects that it illuminates in a single substance able to drag us out of darkness and give color to sanctity.*

*Neon light, compared to the light drained from a pig's heart, is a metaphor of limited impact. The light emanating from entrails is that of god, a light that due to an excess of intermingled darkness, more than any other resembles that of god, which glistens in ribbed carcasses where it is easy to sense the incipient wings of an angel.*

*The bellowing of an animal which any anonymous knife reduces to the condition of those whose blood flows beside us is the only sound worth the trouble of dancing to. Dusk gathered in the entrails, all the mornings that flowed into them absorbed by the opening of the eyes are now but a trace of light upon the blade and a dripping into buckets. Such mornings are now reduced to a furtive flash of dignity, which we all suddenly feel has abandoned us.*

Originals por Luís Miguel Nava (*Poesia* ed. Ricardo Vasconcelos, Lisboa: Assírio & Alvim, 2020).  
Traduções por Alexis Levitin e Ricardo Vasconcelos (a maioria publicados e diversas revistas, outras inéditas).